

OS "ÚLTIMOS FINS" DE PORTUGAL

JOSÉ ADRIANO DE FREITAS CARVALHO
Universidade do Porto

Será possível falar dos "novíssimos"..., "últimos fins"..., de uma nação tal como se fala dos "novíssimos" do homem? Não sabemos se o assunto foi, alguma vez, *assim* expressamente abordado..., se mereceu as honras de um tratado, mas conviremos que da bibliografia mais corrente da literatura de espiritualidade ibérica não consta qualquer tratado que medite nos "últimos fins" de uma nação... Nos "novíssimos" de Portugal..., nas "postremerías" de Espanha...

Haverá sempre, porém, o recurso a pensar que as nações, enquanto entidades do Mundo, tal como este, hão-de, algum dia, acabar..., isto é, desaparecer..., "morrer", e serem julgadas... O seu destino final será, naturalmente, o da maior e melhor parte dos seus habitantes..., destino que se prende, por tantos lados, com esse conceito de nação eleita, que cada um dos povos da cristandade europeia gostou, muito especialmente na Época Moderna, de desenvolver, procurando aprofundar, intensivamente, em ânsias de confirmação, os sinais que de longe descobertos dele faziam "o povo do Senhor"... Teremos ocasião de aludir a algum aspecto da questão a propósito dos seguidores do Anti-Cristo na Península Ibérica..., independentemente de recordar aqui o que rendeu esse tema de pregação na parenética portuguesa do século XVII e talvez mesmo de muito tempo depois... Recordaremos que tudo na escatologia crista converge para esse momento dramático do Juízo dos homens e das nações no momento da segunda vinda de Cristo... O *Apocalipse* e mais alguns textos neo-testamentários (*Math. 24, 36; 24,42, Jo. 21,22*, por exemplo) ordenavam-se a inscrevê-lo na economia dos "últimos tempos".

Mas que uma nação individualmente possa ser destruída..., “morrer”... acabar, porque foi julgada perdida pelos seus pecados é um tema que, no quadro que vimos evocando, não parece ter merecido um tratamento particular... Essa destruição que deverá, assim, ser entendida como uma punição antecipadora desse juízo final..., cuja figura se pode encontrar na destruição de Jerusalém, não poderá ser, directamente, concebida como essas ameaças de destruição de uma nação para sobre as suas ruínas proceder a uma sua restauração de acordo com a sociedade cristã ideal..., tantas vezes identificada com a de um império de Cristo — o Quinto Império, por exemplo, fosse qual fosse o seu verdadeiro carácter: material? espiritual? —, e que tão bem tem sido estudado por A. Milhou¹. O século XVI europeu, através de velhos textos proféticos — uns que herdara de remotos tempos e de remotos autores, outros que, no pleno sentido da palavra, “inventou” — viveu em permanente tensão profética exploradora dessas ameaças e dessas esperanças, ainda que, como sempre, tenha, naturalmente, havido zonas e momentos fortes²... Passemos Colombo e o seu ouro para a reconquista da Casa Santa³... e recordemos os desesperados “remédios” de Fr. Bartolomé de las Casas para a salvação das índias e de Espanha: “Plega a Dios que no destruya a Espana como se dice que ha hecho de las Índias”⁴... Entre nós, as *Trovas* que G. A. Bandarra explicou aos inquisidores como sendo feitas em “louvor de Deus e d’el-rey”, a partir de 1527-1530 haverá que lê-las — ou relê-las... — à luz desta tensão, sem esquecer de sublinhar os seus anúncios de um rei — ou imperador — restaurador que bem podiam caber num rei de Portugal que “reconquistava” um Oriente que já fora cristão e de lá recebia embaixadores que o premiam nessa urgência, um filão semântico que, depois, permitiu que as *Trovas* fossem veneradas — lidas, interpretadas, imitadas — tanto por messiânicos mais ou menos clandes-

¹ MILHOU, A. — *De la "destruction de l’Espagne à la "destruction" des Indes. Notes sur l’emploi des termes "destroyr", "destruir", "destruymiento", "destrucción", "destroydor", "destruidor", de la "Primera Crónica General" à Las Casas in Melanges à la Mémoire d’André Joucla-Ruau, Aix-en-Provence, 1978, 907-919; El Concepto de "Destrucción" en el Evangelismo Milenário Franciscano in AA. VV., Actas del II Congreso Internacional sobre los Franciscanos en el Nuevo Mundo (Siglo XVI), Madrid, 1988, 297-315.*

² Niccoli, O. — *Profeti e Popolo nell’Italia del Rinascimento*, Bari, 1987 estudou alguns desses momentos mais fortes para a Itália — e para uma certa Europa — do século XVI, com especial relevo para essa fronteira cronológica que se forma à volta de 1530.

³ MILHOU, A. — *Colón y su Mentalidad Mesianica en el Ambiente Franciscanista Español*, Valladolid, 1983, em larga medida centrado sobre o tema, e as várias e eruditíssimas “schede” de R. RUSCONI à sua magestosa edição do *Libro de las Profecias* (Nuova Raccolta Colombiana, Roma, 1993) são obras de referência inultrapassáveis.

⁴ CASAS, Fr. Bartolomé de Las — *Octavo Remedio*, in *Obras Escogidas* (V), Ed. e Est. Crítico de J. Pérez Tudela, Madrid, 1958, 111.

tinios...⁵, como por restauracionistas políticos visando, antes de mais, a real independência do reino...⁶.

No entanto, se a História se podia conceber como uma série de impérios e reinos desaparecidos, não era, geralmente, fixada a meditação no seu desaparecimento como punição, mas, preferentemente, no *sic transit* e, talvez com mais força ainda, na sua sucessão com vista a esse império final, caso este em que, como bem se sabe, a nota política dava tantas vezes o tom. Por outro lado, a destruição de uma cidade — e, conseqüentemente, de um reino — como Jerusalém — prescindamos, porque o nosso autor dessa perspectiva também prescinde, de que sobre as ruínas de tal cidade venha erguida a nova Jerusalém, a Igreja..., o reino de Cristo — era o exemplo mais acabado de uma punição *exemplar* de uma nação por causa dos seus pecados e que, como tal, oferecia todas as possibilidades de um sempre actualizável comentário parenético.

Com efeito, o que, seguindo à letra o seu autor, parece estar em causa no *Tratado sobre a Destruição de Hierusalém* que em 1624 publicou no Porto o dominicano Fr. António Rosado — curiosamente fazendo seguimento aos seus *Tratados sobre os Quatro Novíssimos* (Porto, João Rodrigues, 1622) — é a possibilidade da destruição iminente de Portugal à semelhança dessa Jerusalém que nunca mais foi restaurada, pese aos esforços de muitos dos seus logo depois da sua destruição pelos exércitos romanos. Tentemos ler essas páginas seguindo o seu autor ao pé da letra...

Como, pelo que sugerido fica, estaremos de acordo, não se trata de uma glosa mais ou menos extensa do velho tópico do *mundus senescens*, apontando ao envelhecimento e conseqüente desgenerescência da nação portuguesa quanto a costumes, brios, conquistas, virtudes..., ainda que, evidentemente, o conceito acesse muitas das páginas do *Tratado* de Fr. António Rosado... Com efeito, não se trata de uma meditação na decadência de um país — como, por exemplo, a de J. de Mariana sobre *El*

⁵ SERAFIM, JOÃO Carlos G. — *Gonçalo Artes, O Bandarra. Sapateiro de Trancoso* (Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa — Época Moderna, apresentada à F. L. U do Porto), Porto, 1996, representa o mais complexivo estudo do nunca verdadeiramente editado e estudado processo de Bandarra, bem como o contributo mais completo sobre a circularão das *Trovas* até à data do referido processo (1541).

⁶ MARQUES, JOÃO Francisco — *A Parenética Portuguesa e a Restauração. 1640 — 1668*, Porto, 1989, II, 212-218, 280, 299 *et passim...*, oferece importantes referências à utilização das *Trovas* no âmbito dos textos que estuda; para a sua utilização num interessantíssimo texto de polémica sebastianista elaborado pelos últimos anos em que se centra o citado trabalho de João F. Marques, ver Fr. João da Cruz, *Reina de Portugal Prophetizado a Esdras*, ed., introd. e notas de Ilídio Rodrigues, (trabalho modelar apresentado como Dissertação de Mestrado em História da Cultura Portuguesa — Época Moderna, apresentada à F.L.U. Porto), Porto, 1996.

*estado de las cosas de España...*⁷ —, embora, decorrente da perspectiva anterior, essa meditação asseme, algumas vezes, à flor do texto. O que verdadeiramente está ou parece estar em causa é a destruição irremediável... a morte de uma nação..., o seu julgamento e desaparecimento antecipados por referência ao Juízo final que ditará o fim e destino de todas as nações...

Ainda que não o declare expressamente, Fr. António Rosado devia considerar o *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem* como uma obra sua "maior", já que — e isto, sim, declara-o - as anteriores — *Tratado em Louvor do Santíssimo Rosário, sobre a Oração do Padre Nosso e Cântico da Senhora* (Porto, João Rodrigues, 1622) e *Tratados sobre os Quatro Novíssimos* — são obras "de humilde estilo"..., mesmo que umas e outras tenham, seguramente, idêntica origem: sem que ele igualmente o confesse, podemos, com larga segurança, supor que essas obras são uma parte dos inúmeros sermões que pregou..., ele que, em 1624, tinha, como previne no cabo da dedicatória do *Tratado sobre a Destruição de Jerusalém*, "limpos seiscentos sermões de todos os Domingos do anno, festas e santos principaes"... Com efeito, e sacando apenas exemplos desta última obra, seria muito fácil demonstrar as diferentes marcas residuais de sermão pregado que estilisticamente as percorrem e que, por ventura, ao tempo de preparação dos textos para publicação impressa, ou não foram consideradas suficientemente significativas de oralidade ou escaparam a essa revisão...⁸. E como obra maior dedica-a a D. Afonso Furtado de Mendonça, arcebispo de Braga desde 1618, que fora reitor da Universidade de Coimbra nessa "idade de ouro" — a expressão é sua — dessa Escola, tempos em que António Rosado lá se bacharelou em Cânones e, em vésperas de se licenciar, abandonou o mundo para se "sepultar nessa honrada sepultura como he a sagrada Religião dos Pregadores".... o que parece ter-se verificado no convento da Batalha em 15. 5. 1602⁹.

Passemos elogios de prosápia genealógica..., o *cursus honorum* do antístete em que os seus lances de Armas em tempos de assaltos de

⁷ MARIANA, Juan de — *Tratado contra los Juegos Públicos* (escrito depois de 1580, isto é, "despues á lo menos de haber juntado [Espanha] con lo demás á Portugal..."), cap. XXVI, in *Obras*, Madrid, 1950, II, 458- 462.

⁸ Mesmo que lastimemos que, como parece, se tenham perdido os seiscentos sermões que o autor tinha para imprimir, os diversos "tratados" de Fr. António Rosado oferecem um bom exemplo da pregação portuguesa dos primeiros vinte anos do século XVII e, por alguns dos seus temas, bem poderiam ser considerados no quadro de *A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina* que com sumo garbo e erudição estudou João Francisco Marques (Porto, 1986).

⁹ MACHADO, D. Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, I, Lisboa, 1741 (aliás, Coimbra, 1945), 378.

piratas e "hereges ingleses" se irmanam com as suas Letras da "milícia spiritual"..., para fixarmos que já nessa dedicatória, depois de verificar "a sepultura do antigo esforço e cavalaria dos portugueses que assombrava o mundo", Pr. António Rosado aponta claramente o núcleo central de ideias deste seu *Tratado*:

"a trágica destruição de Jesusalem, desvanecida com tantos preságios e espectros espantosos, à sombra da qual choro juntamente a do nosso pouco venturozo Portugal" ¹⁰.

O tema — que se desenvolve quase como uma exposição de tese — arranca, deste modo, da destruição dessa Jerusalém..., começando, evidentemente, por ir expondo as causas que conduziram a essa destruição da cidade, ou melhor, verdadeiramente à *ruína*..., à *perdição* de um tal reino às mãos dos soldados romanos..., pese embora, como lembrará o pregador, a moderação inicial dos invasores. Mas essas causas não resultam — e não o esperaríamos — de uma análise da situação histórica do reino judaico nesses dias de catástrofe..., mas, sim, do exame das razões — que também são "vezes" — por que Cristo chorou sobre o mundo. E, muito particularmente, procurará o dominicano descobri-las nas lágrimas de Cristo sobre Jerusalém, lágrimas que, antes de mais, como expõe com recurso a diversas e tradicionais autoridades, mostram que "he tanto o que o Senhor Jesu nos quer que lhe não sofre o coração, fonte do amor que nos tem, ver-nos em trabalhos sem que juntamente padeça connosco" "... Por isso, como insistirá ao longo do *Tratado*, continua: "confiadamente digo que se fora possível ao Senhor Jesu derramar hoje lagrimas sobre o mundo, estando ja assentado à mão direyta de seu Eterno Pay, que com mais rezão e dobrado sentimento o fizera do que fez sobre Hierusalem..." ¹².

É, como termos percebido, um desenvolvimento da sua tese, esclarecedor da sua argumentação e, conseqüentemente, da orientação do seu discurso, a que voltará mais tarde. E, por tal, também a este ponto teremos de voltar.

Antes de prosseguir convirá pôr, metodologicamente, uma questão preliminar: para Fr. António Rosado Jerusalém, aquela Jerusalém terrestre destruída é, efectivamente, como parece insinuar nos textos já citados, a *figura* do mundo actual e, logo, muito especialmente, também de Portugal?

¹⁰ ROSAM, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., "Dedicatória", s. p.

¹¹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ..*, ed. cit., 8.

¹² ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ..*, ed. cit., 9.

No *Tratado sobre a Destruição de Hierusalém* não parece que exista uma exploração de um sistema exegético preciso que assente no aproveitamento em sentido místico dessa *figura*, mas há uma permanente insinuação de um sistema que, pressupondo tal sentido, parece funcionar nessa base. Com efeito, em lugar de manejar esse complexo conceito *de figura*, estabelece o jogo de correspondências que ele desencadeia sobre outro conceito próximo e alguma vez confluyente: *sombra*... Por isso, como estaremos recordados. António Rosado pode dizer que chora "a trágica destruição de Hierusalem" como *sombra* da "destruição do nosso pouco venturozo Portugal"... Se a nossa interpretação está correcta, será possível aceitar, como temos insinuado, que a destruição de Portugal é o que verdadeiramente está em causa neste *Tratado* de Fr. António Rosado, ganhando, desse modo, um sentido preciso todas as considerações que faz sobre o estado do mundo e, com especial relevo, do de Portugal. Do estado, antes de mais, moral e religioso. Ainda que tenhamos que considerar de novo estas perspectivas, lembraremos aqui que, nesse sentido, considera o frade pregador que não só "he tempo de vos mostrar o como o mundo está destruído. [...] mais destruído do que ficou Hierusalem pellos romanos, porque...em Hierusalem ainda ficaram torres em pé e eu vejo que no mundo o que primeiro cahio por terra e se assolarão são as torres, quero dizer, as cabeças, nestas há menos virtude, commumente menos charidade, menos justiça, menos misericórdia e verdade, menos zello do bem commum..."¹³, mas também de perguntar: "Donde estão, meus irmãos, as igrejas de Azia, das quais se juntaram no Concilio Niceno e Calcedonense trezentos e oito bispos? Donde está a christandade de África, donde os martyres e os confesores e as virgens castas de França, de Inglaterra, Alemanha alta e baixa?", "perguntas sem resposta" que lhe permitem, por isso mesmo, concluir: "Em fim, o mundo está destruído de todo, só, deseparado, como Hierusalem cheyo de povo"¹⁴. É neste contexto alarmado de "redução" tanto da virtude das "cabeças" (os príncipes? os grandes? os que poderiam dizer-se as elites? Seguramente, como parece deduzir-se do que há-de dizer da falta de bom exemplo e de obediência às leis por parte de muitos deles¹⁵) como da cristandade católica — alarme que ditou soluções "proféticas" que iam do encarar a passagem de Roma para o Novo Mundo até outras muito menos utópicas que encararam a repressão como um meio de travar um desaparecimento que, precisamente nesses começos do século XVII, pare-

¹³ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 169.

¹⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 170.

¹⁵ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 192-

cia iminente ¹⁶ — que virão a inscrever-se as referências ao estado de Portugal, de que há-de ressaltar “tantos judaismos e tanta infidelidade em tanta gente e ainda em alguma de que se não esperava tal” ¹⁷... Cada qual tem os seus infiéis.

Se, como já aludimos, Cristo, hoje, com mais razão, choraria sobre o mundo..., já que o seu estado ("cegueira") é pior do que o da "gente cega" de Jerusalém que conduziu à sua punição ¹⁸, o pregador dominicano, explicando-as, vai mostrando as razões para essa lágrimas... As lágrimas de Cristo que, aqui, são naturalmente, as do pregador. E percebe-se, assim, que este *Tratado sobre a Detruição de Hierusalém* pudesse ter-se intitulado "tratado das lágrimas de Cristo sobre Jerusalém"... isto é, pelos pecados do mundo actual. E para melhor se compreender esta sugestão recordaremos que o *Tratado* é seguido pelo *Tratado Quarto super illa verba orationis Hieremiae Defecit gaudium cordis nostri...*, por um *Tratado sobre as Lágrimas de Ezequias...*, por outro *Tratado sobre as Lágrimas do Glorioso Apostolo S. Pedro...*, pelo *Tratado sobre as Lágrimas da Seraphica Magdalena...*, e, finalmente, depois de ter dedicado outro *Tratado* à fé do Bom Ladrão, por um *Tratado sobre a desesperaçam e condenaçam de Judas*, isto é, sobre as lágrimas que chorou depois de ter entregado Cristo. Os nove tratados, "cheyos de materia de lagrimas" ¹⁹, parecem, assim, organizar-se como um itinerário que vai da destruição de uma cidade..., de um povo à destruição de um indivíduo..., passando por casos que demonstram o valor salvífico das lágrimas se entendidas como penitência, mas recordando, como assenta no "Prólogo ao Leytor" evocando as lágrimas de Judas, que "nem todo o arrependimento salva"... O que soa, logo de início, como uma prevenção capital e um apelo urgente...

Retomemos as considerações de Fr. António Rosado sobre o estado do mundo..., já que elas são sempre ao longo dos seus tratados tanto um

¹⁶ PROSPERI, Adriano — *L'Inquisitore come Confessore* in Paolo Prodi (a cura di) *Disciplina dell'Anima, Disciplina del Corpo. Disciplina della Società tra Medioevo ed Età Moderna*, Bologna, 1994, 187-224 (esp. 203-204).

¹⁷ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 75.

¹⁸ Não seria necessário lembrar que "cegueira" e "gente cega" são colhidos por Fr. António Rosado de um grupo lexical com que tradicionalmente se via classificado o povo judeu. Mais tarde, o pregador português apontará que "está o inundo iam cego e obstinado [...] como os moradores de Hierusalem" (*Tratado sobre a Destruição de Hierusalém...*, ed. cit., 108), expressão que traduz o *in obstinationis suae caecitate* em que, já segundo o concílio de Toledo (633), permanecia o povo hebraico.

¹⁹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., "Ao Leytor", s. p.

contexto como um termo de comparação... Num mundo "tão perdido como está"..., "arruinado"..., corrupto"..., "em estado de condenação".... pelo qual Cristo voltaria a chorar..., qual é o estado de Portugal?

Poderíamos começar como o pregador dirigindo-se aos seus ouvintes e leitores portugueses: "He tempo, christãos, de entrarmos com as rezões que ha para chorarmos sobre o mundo e sobre cada qual de nós...". E as razões são, antes de mais, porque há "tão pouca justiça, tão pouca verdade, tão pouca fé e amizade, tantos desaforos, tão pouco amor e temor de Deos e tão pouco zello de sua honrra e do bem commum das republicas, que tudo se faz hoje conforme às leys da carne e sangue, por respeitos particulares e assim se acerta quando acerta..."²⁰ E, hiperbolizando um pouco, analisará o "terceiro dilluvio" que "he o dos peccados" que alagam o mundo, já que "não há verdade, nem misericórdia, nem justiça, nem sciencia de Deos na terra. Está o mundo allagado com falsos testemunhos, com mentiras, com furtos, com adultérios e homicidios"²¹... Mais: não deixam "os homens de cometer pecados por honrra" como acontecia "quando o mundo ainda dava alguns passos no caminho da virtude", isto é, quando "o nobre por honrrado não cometia, achavasse hum mentirozo por mechanico. Hoje os nobres são mechanicos por mentirozos e assim o vicio de menlir que antigamente era dos mechanicos passou-se pêra os nobres. Estes são hoje os que mentem descancara e menos cumprem sua palavra"²²...

Não se admira, portanto, Fr. António Rosado que os pregadores, a começar "por hum frade de S. Domingos", mesmo que "mostre a Virgem Sacratíssima do Rosário com o Menino Jesu no collo", não logre qualquer fruto da sua eloquência²³ mesmo dessa "eloquência muda" que são as lágrimas. Antes sabe — ele que não pretende com seus escritos "grangear terra com os leytores, mas somente o Ceo para elles" e para si²⁴ — que o pregador, o verdadeiro pregador, aquele que "com liberdade falia verdades do lugar da verdade e acode pella honra de Deos, reprehendendo todo o género de vícios asperrimamente", enfada²⁵..., o que é um sinal mais da "cegueira" do mundo, essa "cegueira" que, representando "todos os peccados juntos", conduz à "destruição"²⁶.

²⁰ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 71-72.

²¹ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 172.

²² ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 173.

²³ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 78.

²⁴ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 3.

²⁵ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 108-109.

²⁶ ROSADO, Fr. António— *Traindo sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 107.

Dentro deste capítulo ganham um especial relevo as páginas que Fr. António Rosado dedica à análise da vida das cidades — Jerusalém era uma cidade — por confronto com a vida das "villas e lugares". E em exame que pouco deve aos tradicionais desenvolvimentos do tópico (cidade/campo, corte/aldeia) e que lhe permite verificar que "as cidades tem mais que chorar que as villas, e as villas mais que os lugares, e os lugares mais que os montes" ²⁷, porque nas cidades, além de reinar mais "a prudência do mundo que a sciencia de Deos", ainda "reyna mais a prudência da carne" ²⁸. E, deste modo, lentamente, vai assinalando que nas cidades há mais ambição, mais ociosidade "que he a may da sensualidade", — donde "os homens das cidades são mais armadores, mais murmuradores, mais jogadores, e he isto tanto assi que até os velhos das cidade são velhos nas cans, mas nas obras moços desacordados" — mais "bichas, mais serpentes peçonhentas do que nos desertos, mais tigres, mais leões, mais porcos javalis e monteses, mais lobos carniceiros e mais rapozas" — um bestiário que, citando S. João Crisóstomo, traduz, naturalmente, o reinante "gosto do contentamento da carne"—, mais "covis de ladroens" — os jogadores de tavolagem, que lhe merecem uma larga atenção -, mais raposas — muitas alcoviteiras, bruxas e feiticeiras, gente para que pede rigor nos castigos—, mais "naufrágios e mais perigozos"—"infinitas molheres mundanas e perdidas, as quaes como perderao a vergonha, cuidão que o mundo he seu"—, "mais cadeiras de sensualidade", isto é, segundo Tertuliano, os "'enfeites e trajos das mulheres", sem esquecer que "mais são para chorar os enfeites e demazias dos trajos nos homens"²⁹.

E este confronto é tanto mais interessante quanto teremos reparado que António Rosado não aponta como termo de comparação um campo de écloga, limitando-se a acentuar a diferença de quantidade e não de qualidade... A cidade, pela quantidade de pecadores, resulta um lugar perdição..., e o seus modos de vida são uma ostentação constante de pecado. Uma situação paradoxal, pois, como lembra Fr. António Rosado, citando, na sequência das palavras de S. João Crisóstomo aos de Antioquia, Aristóteles (*Lib. 3 Politic. c.6*), "as cidades não se edificaram para os homens viverem somente, mas para viverem com mais perfeição" ³⁰. "A cidade, segundo o mesmo filósofo, que verdadeiramente o he, deve ser solícita da virtude e bons costumes"... Não interessa se tal concepção da cidade se perdeu, como tantas outras coisas, quando "se acabou a boa idade dourada

²⁷ ROSADO, Fr. António— *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 36.

²⁸ ROSADO, Fr. António— *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 39.

²⁹ ROSADO, Fr. António— *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 39-53.

³⁰ ROSADO, Fr. António— *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 56-57.

do mundo"³¹, mas importa anotar que é ela que, manifestando, de outro modo, a tensão entre a destruição e a salvação, serve para colocar directamente uma questão ao leitor português, como o terá sido aos primeiros ouvintes: "Hora ponde vos os olhos nas cidades do mundo e em particular do nosso Portugal e se seus cidadãos são pios e santos e nellas se guardam as leys de Deos e do Rey, porque conforme a isso avemos de julgar de sua nobreza e avemos de ver se avemos de chorar sobre ellas"³².

O pregador que, naturalmente, traz a resposta preparada, vai desafiando os elementos desse exame particular..., acentuando, especialmente, de acordo com uma veneranda tradição a que também se acolhem um Francisco de Alcocer (*Tratado del Juego en el qual se trata copiosamente quando los jugadores pecan...*, Salamanca, 1558), um Francisco Luque Faxardo (*Fiel Desengaño contra la Ociosidad y los Juegos utilissimo a los Confessores y Penitentes...*, Madrid, 1603) ou mesmo um Fleury (*Les Moeurs des Israélites*, Paris, 1682), a invasão do jogo, dado o incumprimento das leis civis e religiosas do país a tal respeito³³, o que argumenta, para além dos exemplos mais ou menos clássicos sacados de crónicas e moralistas, com o que ocorria sob os seus olhos. Com efeito, constava-lhe "que em Lisboa no anno de 1617, de meado Agosto até meado Outubro, perdeo hum fidalgo particular, em dinheiro de contado, vinte e quatro mil cruzados"³⁴. Nas cidades portuguesas, continua Fr. António Rosado antecipando rigores³⁵ que extremará um Cardeal Belluga³⁶, "está em matéria de galas e afeites tão depravado o mundo que não só as mulheres morrem por elles, mas até os homens os vemos *in tortis crinibus*, uzarem de cabelos retrocidos e alguns o trazerem já entrançados afim de cobrirem as

³¹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 172.

³² ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 57-58.

³³ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 47-48.

³⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 48.

³⁵ Valerá a pena citar um precioso texto rigorista que parte do rigorosíssimo Tertuliano: "Finalmente nas cidades ha mais cadeiras de sensualidade, que este nome poem Tertuliano aos enfeites e trajos das molheres (que fizera se vira os tios nossos tempos) elaboratae libidinis suggestum. E não se faça pouco cazo desta doutrina, nem me diga alguma pessoa, que he de pouca importância, dizendo que galas e enfeites nõ levão ao inferno e que outros muitos peccados ha que reprehender, porque alem de não lermos que levassem a ninguém ao Ceo, affirmo que depois que li o que agora vos direi nos santos Padres, tivera muito escrúpulo de me passar por alto esta matéria. Dizem os santos que demasiadas galas e afeites he sinal de esquecimento dalma e demaziado cuidado do regalo do corpo." (*Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 49-50)

³⁶ Referimo-nos, evidentemente, ao seu *Contra los Trages y Adornos Profanos. Em que Doctrina de la Sagrada Escritura, Padres de la Iglesia y todo genero de Escritores, y Razones Theologicas se convence su grave malicia...*, Murcia, 1722.

calvuras" ³⁷, o que pressupõe que "são curiosos de se enfeitarem aos espelhos"... "Vergonha grande para homens"? O pregador, evidentemente, assim o pensa, sem, contudo, deixar de acrescentar: "mormente [para] portuguezes, que antigamente só cheiravam a asso e a pólvora e não a almiscar nem a âmbar. Os seus affeitos erão peitos de armas e sayas de malhas" ³⁸. E o frade dominicano pode, então, resumir que tudo são "excessos que vão nestes tempos, mormente neste nosso Portugal que acabou de ser Portugal, como nos homens acabarão as barbas crescidas, os pelotes de pregas e nas molheres os sainhos e as beatilhas"³⁹... Mas a estes pecados de sensualidade, há que juntar a venalidade dos officios, isto é, como todos murmuram, que "honrras e officios, todos hoje se vendem e cada couza dessas tem seu preço e sua praça em que se vendem e seus correctores" ⁴⁰; as parcialidades que conduzem a injustiças..., as "publicas ladroices"..., o "onzeneiro, que he ladrão piadozo, que com capa de misericórdia e com zello de Irmão da Misericórdia vos rouba o vosso"⁴¹..., esses onzeneiros que são "como os bruxos que chupão o sangue às crianças e matão-nas sem os pays os sentirem"⁴².... Não temos por que continuar nesta enumeração tendente a levar o leitor, como seguramente antes o ouvinte, a conhecer-se melhor e a chorar sobre si e, por compaixão, sobre os outros... O que interessará anotar é que todos estes pecados constantes desse longo rol eram igualmente comuns aos judeus nos dias que antecederam a destruição de Jerusalém..., o que, ultrapassando tradicionais distinções de carácter e pecados próprios de uma raça ⁴³, permite ao pregador verificar, estendendo à conclusão o que especificou para um caso (as amizades que matam a Justiça), que nestas matérias "não está o nosso Portugal de melhor condição que Hierusalem" ⁴⁴, verificação muito mais importante que tudo o que, por outro lado, pudesse dizer, secundando tantos do seu tempo, sobre a decadência do reino...

³⁷ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 53. Havemos de confessar que "calvuras" é uma correcção (talvez, até, uma pseudo-correcção) nossa... O texto traz "calturas", termo que, não corrigido nas erratas, lambem não foi possível encontrar registado em qualquer dicionário — dos etimológicos aos 'tesouros', passando, como se esperaria, pelos elucidários... Mas havemos igualmente de confessar que "calvura", por 'calva', também não aparece em qualquer deles...

³⁸ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 53.

³⁹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 55.

⁴⁰ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 92-93

⁴¹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 103.

⁴² ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 104.

⁴³ BAROJA, J. Caro — *Los Judios en la España Moderna y Contemporânea*, Madrid, 1986 (3.^a ed.), I, 91-107.

⁴⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 96.

Aprofundando questões, passando agora dos costumes para se debruçar sobre a Fé, António Rosado aponta, como sinal evidente do esmorecimento da Fé, a redução das fronteiras da confissão católica... Já tivemos ocasião de aludir a este tema, um tema a que volta, sempre angustiadamente, em diferentes momentos do *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, sem recorrer, como um Luis de Blois na primeira metade de Quinhentos ou um António Vieira em anos de *História do Futuro*, às esperanças das novas cristandades no Novo Mundo ou pelo Oriente... E, como terá resultado de um texto já citado e de outros que apontaremos, quando o frade dominicano olha para o Oriente é apenas para constatar que também por aí a religião católica tinha desaparecido... e seria interessante, algum dia, perguntar-nos o porquê deste ângulo, que não deverá resultar somente de uma estratégia de pregação hiperbolizante.

De todos os modos, é essa estratégia que continua a reger o confronto do estado do mundo e o estado de Portugal desde o ponto de vista da fidelidade à Igreja. Por isso, um tanto semelhantemente ao que já conhecemos, o autor do *Tratado*, contrastando tempos, assinala, uma vez mais, que "a fé catholica que nos tempos passados e na idade de ouro da Igreja se estendeu por todo o mundo... que chegava de hum polo a outro polo [está] tão estreitada e restringida em Europa aos confins de Hespanha, de Itália, França e parte de Alemanha..."⁴⁵, contraste que, logo depois, particulariza ao ponderar que "a fé catholica" que "dantes estava por todo o mundo e em toda a Europa tão exalçada, hoje se vay estreitando cada ves mais, principalmente na Europa: Inglaterra perdida de todo, Alemanha alta e baixa passa mal, França de todo não está boa..."⁴⁶.

É neste quadro — bastante realista, haveremos de convir, vistas as coisas pelos olhos de um dominicano dos começos do século XVII — que há que avaliar o estado da fé em Portugal... e, naturalmente, nem por sombras ocorreria ao pregador aludir a que as causas de a religião católica se ir estreitando por essa Europa se verificavam em Portugal... Não ocorreria nem poderia ocorrer dado o insignificante peso — o que não é o mesmo que inexistência⁴⁷ — da difusão das correntes cristãs reformadas entre

⁴⁵ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 72.

⁴⁶ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem ...* ed. cit., 74-75

⁴⁷ TAVARES, Pedro V. — *Em torno da História do Luteranismo Ibérico do Século XVI: Breves Reflexões sobre alguns Pressupostos, Equívocos e Encruzilhadas* in *Humanística e Teologia*, XV(1994) 205-223; *Relações Inter-Confessionais no Porto: um Casamento numa Lancha Inglesa (Subsídios documentais da Época do Tratado de Meetwen)* in *O Tripeiro*, 7ª S., XIV, 6-7 (1995) 179-188; "Por Erros de Lutero e Calvino": *Um Episódio para a História das Relações Inter-Confessionais no Porto* in *Via Spiritus*, 2 (1995) 251-260, oferece algumas reflexões e pistas documentais novas que assinalam a urgência de retomar os estudos sistemáticos sobre um assunto sempre um tanto clandestino, porque sempre lido por marginal; João

nós..., mesmo aceitando contar, entre os testemunhos dessa difusão, casos em que, também entre nós, erasmismo e críticas anti-clericais de velha cepa se misturavam com alusões a Lutem, a um Lutem, por vezes, quase mítico⁴⁸ ... O "estreitamento" da fé católica entre os portugueses não se ligava a esse tipo de heresias que se invocavam de outro cristianismo, mas, sim, da continuada fidelidade de muitos portugueses a Israel, muitos dos quais há mais de vinte anos vinham vivendo novos sobressaltos no meio de negociações para o direito a uma espécie de tolerância tão frágil e fictícia como toda a tolerância comprada⁴⁹. Isto ao mesmo tempo que casos como o do cónego António Homem e de outros clérigos implicados no processo (24. II. 1619 — 5. 5. 1624)⁵⁰ como que dava mais razão não só aos J. Baptista de Este (*Consolação Christã e luz para o povo hebreu...*, Lisboa, 1616; *Diálogo entre discípulo e mestre catequizante onde se resolvem todas as dúvidas que os judeus obstinados costumam fazer contra a verdade da fé católica* Lisboa, 1621) e aos V. da Costa Maios (*Breve Discurso...* Lisboa, 1622 e novamente em 1623⁵¹), mas também aos que, como Fr. António de Sousa, igualmente dominicano, pregador no auto de fé em que saiu o afamado canonista de Coimbra, proclamavam desde o púlpito que "tendo os judeus entre nós... vivemos com a sua companhia offendidos no trato, menoscabados na honra, e arriscados na fé. É certo que os judeus que entre nós se fingem christãos, nos roubam as fazendas, nos tiram as vidas e nos profanam os sacramentos"⁵². Compreendemos que António

Francisco Marques coordenou uma útil cronologia (séculos XVI-XX) in *Para a História do Protestantismo em Portugal* in *Revista da Faculdade de Leiras do Porto — História*, II S., XII (1995), 431-473 que confirma o comentário que fizemos aos trabalhos de Pedro Tavares.

⁴⁸ DIAS, J. S. da Silva — *O Erasmismo e a inquisição em Portugal. O Processo de Fr. Valenlim da Luz*, Coimbra, 1975 e MENCHI, S. Seidel — *Erasmus in Itália. 1520-1580*, Torino, 1987 permitem, sem necessidade de recorrer a outras autoridades e a outras geografias culturais, verificar, facilmente, o que afirmamos, sem que isto signifique esquecer M. Bataillon. SERAFIM, João Carlos G. — *Gonçalo Anes...*, ed. cit., 189-199 publica a resposta inédita e desconhecida de Mestre André de Resende a uns memoriais que Pedro Alvares enviou, desde o cárcer, em 1541, ao cardeal D. Henrique e a uma não identificável dignidade que era próxima do prelado a propósito de cartas que escreveu a Carlos V e a D. João III sobre a introdução do tribunal da Inquisição, resposta que nos revela, uma vez mais, a "fusão" (ou a confusão?) a que era submetido Lutero.

⁴⁹ AZEVEDO, J. Lúcio de — *História dos Cristãos Novos Portugueses*, Lisboa, 1975 (2.^a ed.), 148-170; BAROJA, J. Caro — *Los Judios en la España Moderna y Contemporánea*, ed. cit., I, 359-369.

⁵⁰ TEIXEIRA, António José — *António Homem e a Inquisição*. Coimbra, 1895-1902; AZEVEDO, J. Lúcio de — *História dos Cristãos Novos Portugueses*, ed. cit., 171-177.

⁵¹ RODRIGUES, Maria Idalina Resina *Literatura e Anti-Semitismo* in *Estudos Ibéricos. Da Cultura à Literatura. Séculos XIII a XVII*, Lisboa, 1987. 289-321.

⁵² SOUSA, O.P., Fr. António de — *Sermão pregado no Auto de Fé em que foi queimado o corpo do Dr. António Homem* in TEIXEIRA, António José — *António Homem e a Inquisição*, ed. cit. 261-294 (284).

Rosado, precisamente por esses mesmos dias⁵³ e exactamente na sequência das suas referências à outra Europa, exclame: "e no nosso Portugal, *proh dolor*, temos visto tantos judaismos e tanta infidelidade em tanta gente e ainda em alguma de que se não esperava tal, como se tem visto em tantos e tão famosos cadafalsos, como se tem feito em Lisboa, Évora, Coimbra no tempo do Senhor Inquisidor-mor D. Fernão Martins de Mascarenhas..."⁵⁴ Toda esta redução da "fé católica" — "a couza que estimamos mais e de que mais nos honrramos" — há que torná-la como "castigos grandes sobre o mundo" e mesmo assim, "avendo tanto que chorar sobre o mundo", "o mayor mal e mais estranha desventura de todas" é "não aver quem chore, antes ver tantos rizados e tantos passatempos entre christãos filhos da Igreja, em tempo que se fora possível ao mesmo Jesu chorar, estando já immortal e impassível à mão direita do Eterno Pay, o devia fazer com mais rezão sobre o mundo de hoje do que o fez sobre Hierusalem"⁵⁵.

Compreende-se facilmente que todas estas considerações conduzam a uma chamada de atenção urgente para a ameaça que pende sobre o mundo, incluindo Portugal: "Christãos, abri os olhos, tomai sobre vós, que vejo hoje no mundo e no nosso Portugal muitas rezões que ameaçam sua destruição e ey medo que nos ha-de Deos de vir a castigar aos Portugueses, como castigou a Hierusalem"⁵⁶.

Creemos depois de tudo, muito especialmente depois da ameaça que veicula esta última citação, será aceitável fazer notar neste momento que as notas ao "estado do mundo" são apenas — ou quase — uma alusão a um quadro de referências de identificação que só aparentemente torna menos dramática a certeza de que Portugal, a persistir no mesmo caminho, será destruído como o foi Jerusalém, contrariando, como sublinharemos, a sua confiança de povo eleito, concepção esta que, como já aludimos, não

⁵³ Será curioso notar que Fr. Amónio Rosado data a dedicatória do seu *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem* a D. Afonso Furtado de Mendonça em dia de S. Vicente Ferrer de 1624, isto é, 12 de Abril e que o auto de fé em que saiu condenado o Dr. António Homem foi a 5 de Maio desse mesmo ano... Uma coincidência que apenas permite sublinhar esse 'clima' — e a tensão que lhe subjaz — que traduzem as palavras do pregador, já que não as podemos datar com maior precisão...

⁵⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 75. Segundo MACHADO, Barbosa — *Bibliotheca Lusitana*, ed. cit., I, exerceu actividades inquisitoriais, já que, além de Consultor, foi não só "Visitador das naus estrangeiras nesta Corte, cujo ministério também exercitou na cidade do Porto", mas lambem "Comissário do Santo Officio" no Brasil.

⁵⁵ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 74-75 (conf. 8-9 *et passim*).

⁵⁶ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 111.

assoma ao *Tratado* de António Rosado. O último texto citado — e outros já assinalados que referem explícita ou implicitamente pecados portugueses que têm igual ou maior correspondência com os da cidade destruída — parece suficiente para permitir essa conclusão.

Podemos, contudo, avançar um pouco mais, aprofundando-o, neste sentido de iminência de castigo e de urgência de reconhecer as próprias faltas: "Nesta ocasião, meus irmãos, em que estão nossas culpas ameaçando destruição, conheçamos que de todos os passados e dos que estão por vir forão causa e são nossos peccados" ⁵⁷. E os destinatários e os objetivos de tal convite podem tornar-se ainda mais explícitos e mais urgentemente mais dramáticos: "Não resta mais, irmãos, que o vermos nossa total destruição, como Hierusalem vio a sua... Senhores Portuguezes, em particular convosco fallo, como parte do mundo que mais me doy, esta-nos batendo à porta nossa destruição, se não nos emendarmos..." ⁵⁸. O reconhecimento do pecado, fruto do humilde conhecimento próprio — o pregador alude à importância do "saber aproveitar do *consideram te ipsum* do Apóstolo" ⁵⁹ —, é o primeiro passo para a salvação de cada qual..., e consequentemente também das nações, mas, no momento, isto é, neste estado a que, "nestes miseráveis tempos", chegou o mundo, incluindo Portugal — recorde-se que desde o *Prólogo ao Leytor* se insiste em que nem todas as lágrimas salvam — não é suficiente — nunca o foi, mas concedamo-lo à técnica dramatizante do sermão — para evitar o "naufrágio". Um "naufrágio"..., uma "destruição"... que, convirá tê-lo presente, o pregador nunca definiu, mas também nunca limitou a um momento puramente terreno... E se a destruição de Jerusalém é a *sombra* da de Portugal parece aceitável admitir que a ameaça implica um juízo e um destino último: a condenação. E esta, como temos visto e veremos ainda, já não depende principalmente das lágrimas... Uma ameaça sem esperança? Fr. António Rosado não dá, evidentemente, como alguma pregação apocalíptica, esse passo completo e, por isso, pondera que o naufrágio poderá ainda ser evitado, isto é, se "trabalharmos por não enchermos o número de nossas culpas e peccados que Deos espera para nos castigar, porque he certo, cm boa Theologia que tem cada peccador certo numero de peccados que por sua vontade ha-de cometer, e não necessariamente nem constringido da divina presciência, primeiro

⁵⁷ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed.cit, 113-114.

⁵⁸ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit, 112.

⁵⁹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 24 (Convém, porém, esclarecer que o pregador português utiliza, no contexto dessa página, o conceito de "conhecimento próprio" num sentido mais amplo que o tradicional, pois serve-se dele para apelar ao "espírito de brandura" para com o próximo e que resulta, naturalmente, de cada qual conhecer as suas "fraquezas" e "misérias").

que Deos o castigue" ⁶⁰... Assim — passemos outros desenvolvimentos de um tema complexo e polémico ⁶¹ —, antes que "Deos cruze as mãos e suspenda sua influencia"⁶², os portugueses têm de se arrepender de todo o coração, emendar a vida, reformar os costumes e chorar sobre si como o salmista⁶³. Só neste caso cabe "bradar por Deus"⁶⁴, esse "bradar por Deus" que mais não é, como explica logo, que agarrarem-se a cruz de Cristo — "segura táboa da cruz de Cristo" —, pois, se as lágrimas do mundo, no estado em que se encontra, não são suficientes, há que uni-las às de Cristo, que, fazendo-as suas, dá sentido às dos "naufragos do pecado". Só deste modo, as lágrimas terão ainda algum valor. Por isso, exorta: "lancemos, irmãos de minha alma, nossas culpas e peccados no mar de nossas lágrimas, que o mundo e o nosso Portugal e cada qual de nós permanecerá em perpétua serenidade e para mayor segurança no meyo das inchadas e escarseadas ondas de nossas culpas e dos castigos que por ellas merecemos, peguemo-nos à segura táboa da cruz de Cristo" ⁶⁵.

Neste momento ganhariam sentido alguns "remédios" para uma "restauração", isto é, para essa renovação que deveria seguir-se à "destruição", se esta fosse entendível no sentido mais tradicional que expusemos inicialmente. Compreende-se, porém, que na dramatização radical e última que o pregador vai conduzindo ao longo do *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem* e ainda nas páginas sobre as lágrimas de Jeremias e Esequias, tais "remédios" — a palavra é sua — como a educação dos filhos..., o exemplo dos velhos..., a imposição da virtude por autoridade legal e moral dos que mandam e governam..., etc. — revelam-se de aplicação impos-

⁶⁰ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 122-131.

⁶¹ ROMANO, Orlando — *O Molinismo. Esboço Histórico*, Porto, 1976 oferece, para estas datas, as orientações suficientes para situar as referências de A. Rosado frente a uma complexa questão abordada por umia não menos complexa (e vasta) bibliografia.

⁶² ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 124. Ao dominicano português — e, naturalmente, a outros pregadores do seu tempo — poderia assentar a crítica que o franciscano Juan de Pineda faz a um "predicador de parroquia" — "lloraba quando queria y fingía lo que le parecía" — que um dia "salió con dos malillas, o por mejor decir, malísimas herejías: la una, que Dios tiene tasados los merecimientos de cada uno de manera que, en llegando a la tasa, no puede merecer más para si: y la otra, que Dios tiene tasado el número y grados de pecados de otro, de manera que, en llegando allí, no le será posible dejarse de condenar por mas que procure salir del pecado" (*Diálogos Familiares de la Agricultura Cristiana* [Salamanca, 1589] Estudio Preliminar y Edición del P. Juan Meseguer Fernandes, O. F. M., Madrid, 1963, XVII, 16, III, 203).

⁶³ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusatem...*, ed. cit., 80. 222-223.

⁶⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 116.

⁶⁵ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 117.

sível e ineficaz, dado o estado do mundo e, particularmente, o de Portugal. E, assim, o dominicano que dedica algumas páginas a analisar esses remédios e como poderiam evitar essa destruição total que ameaça, conclui: "Assim, o inundo nestes miseráveis tempos, *in genere morum*, está mais destruído do que ficou Hierusalem... Deus, por sua misericórdia, se lembre de nós, dos portugueses fallo em particular..."⁶⁶.

Neste estado em que se encontra o mundo - e Portugal — está, pois, irremediavelmente "perdido"..., "destruído" espiritual e moralmente... e, por isso, não cabe mais do que chorar a sua próxima destruição terrena, sinal da sua condenação... Com efeito, conclui o pregador, "podemos chorar hoje a destruição do mundo em commum e, mais em particular, os portugueses a nossa..."⁶⁷.

A destruição é sempre algo anunciado, melhor, talvez, assinalado, se bem que nem sempre se atendam os sinais, como aconteceu em Jerusalém, a "rebelde cidade" que "'acabou-se de assolar em huma sexta feira, 8 de Setembro, avendo quarenta annos que em outra sexta feira, fora nella crucificado o Salvador do mundo"⁶⁸. E se para o caso de Jesusalém, Fr. António Rosado se demora a elencar os mais importantes "pronosticos que ouve antes desta guerra, os quais denunciarão o fim delia" — "num anno antes, hum espantozo cometa em forma de espada sobre a cidade e hum resplendor grande que apareceu junto do templo"..., "aos vinte e hum de Mayo, antes desta destruição, se virão nos ares exércitos de armas que pareciam andar cercando a cidade"..., "na festa de Penthecostes do mesmo anno, indo os Sacerdotes de noite a cantar os costumados louvores de Deos *em* semelhantes solemnidade, sem verem donde nascia, ouvirão grande rumor e tropel de gente, como que passavam de huma pane pera outra"⁶⁹.... —

⁶⁶ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem....* ed. cit., 205.

⁶⁷ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem....* ed. cit., 234.

⁶⁸ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem....* ed. cit., 162.

⁶⁹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem....* ed. cit., 163; NICCOLI, O. - *Profeti e Popolo nell'Italia dei Rinascimento*, Bari, 1987. 89-95 estuda as tradições de algumas destas "apparizioni tome segni" proféticos que são outros tantos marcos "per esempificare i possibili itinerari delle imagini culturali..."(108); entre as "vizões e prodigios q se virão, e acontecerão antes da jornada de Africa"(1578) há que assinalar terem-se visto "por vezes no ar esquadrões de gente armada, passando como nuvens de hua parte a outra...", etc. in *Anevdotas Portuguesas e Memórias Biográficas da Corte Quinhentista*, Leitura do texto, introdução, notas e índices por Christopher L. Lund, Coimbra, 1980, 52; sinais que repete e amplifica BAIÃO, J. Pereira — *Portugal Cuidadoso e Lastimado com a Vida e Perda do Senhor Rey Dom Sebastião*, Lisboa, 1737, 680 (talvez seja mesmo de pôr a questão da dependência textual desta obra para com o texto de *Anevdotas*.); também Fr. Pedro de Frias anota os mesmos sinais em Paris, no tempo de D. António, como anúncio de "guerras sives" (*Crónica del-Rei D. António*, Estudo e Leitura de M. A. Nunes Costa, Coimbra, 1955, 363; igualmente no vasto conjunto de profecias e sinais prodigiosos de matriz sebastica e restauracionista copiados no Ais, 1211 da B. N. Lisboa (foi. 124) se podem ler os mesmos "combates".

para o caso de Portugal não apresenta qualquer destes ou outros sinais anunciadores.... Tal, porém, não quer dizer que não os haja, mas de outro tipo: a falia, por exemplo, de pregadores que digam "verdades nuas e cruas", pois "vejo hoje no mundo e no nosso Portugal muitas rezões que ameação sua destruição e ey medo que nos ha Deos de vir a castigar aos portugueses como castigou a Hierusalem, cujos moradores chegarão a tanta miséria que lhe faltarão pregadores que lhe fallassem verdade e os que tinhão erão cães mudos" ⁷⁰. Mas, como insiste o pregador, o sinal mais evidente e sintomático dessa próxima destruição é a "degenerescência" do reino, traduzida, antes de mais, no desaparecimento de grandes figuras históricas, algumas até de um passado muito recente, que não têm réplica no presente. E se, como sempre, começa por estender as suas considerações a outro reino ou região num enquadramento envolvente e preparador, é para logo depois se demorar em Portugal. Assim pergunta: "Que foi dos santos reys de Inglaterra? e em Portugal que he feito dos Affonsos Henriques, dos Joãos primeiros, segundos, e terceiros? Os Affonsos bravos? Os Sebastiaães? Já se acabaraão os príncipes de Portugal. Que he feyto dos infantes e das infantas? Os Priores do Crato? Os abbades de Alcobassa? Os mestres de Avis e de Santiago? Se tomardes per gloria e honrra do mundo, *cecidit carona capitibus nostri*, que he feyto da gloria e honrra que os christãos alcançavão contra os turcos e mais imigos da santa Fé? Qué das vitorias? Qué do triumphos? Em nosso Portugal, qué dos vencimentos dos portugueses? Já não são temidos das nações estrangeiras. Não vedes as nossas costas coalhadas de turcos? Não vedes os estragos que tem feitos e fazem cada dia em nossos irmãos e os que tem cativos em Argel e cada dia cativão? Acabou-se o valor portuguez, sepultou-se com os antigos portugueses. Pois se o tomarmos pella revolução dos annos, que foy da idade dourada de Portugal? qué das farturas e bonanças?" ⁷¹

Toda esta série de interrogações não é uma simples variante do tópico *ubi sunt?*, nem as respostas que foi dando são a verdadeira resposta. Esta é dada logo a seguir: "*Vae nobis quia peccavimus*. Ay de nós porque peccamos" ⁷², resposta que, apesar de evidente, o pregador explicita depois, para ficar claro que esse *nós* peccador não é um vago referente universal,

⁷⁰ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed cit., 110.

⁷¹ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed cit., 235: esta última referência à "idade dourada" de Portugal..., e as outras com que alude à "idade de ouro" da Universidade de Coimbra ("Dedicatória") ou à "idade de ouro do mundo" (172) permitem chamar a atenção para como esse sentimento de que os começos sempre foram mais perfeitos se estende igualmente à sua visão da "idade dourada" da Igreja (72), sentimento este que, com várias fundamentações, atravessa todo o século XVII, como recorda B. NEVEU, *Érudition et Religion aux XVII et XVIII Siècles*, Paris, 1994, 310, 338, 367, 372.

⁷² ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed cit., 235.

mas, sim, um nós referível imediatamente aos portugueses: "Nossos pecados nos tem posto em tão miseravel estado e o que peyor he que estamos frenéticos e ainda mal, porque passa assim como digo, que tendo cometido tantas culpas e vendo pellos olhos tantos castigos delias no mundo todo, e em particular no nosso Portugal, não há que chore com Hieremias e diga: *Defecit gaudium cordis nostri conversas est in luctum chorus noster, cecedit corona capitis nostra, vae nobis quia peccavimus*"⁷³.

Perante este quadro de uma decadência devida aos pecados de um povo sobre quem pesa a ameaça de uma destruição próxima, senão mesmo iminente, e tão iminente que não há tempo para "remédios" demorados..., nada mais resta que chorar. Chorar sobre si. Como chorar se "estamos tão secos e frios que não podemos chorar huma só lágrima"? A resposta, como já teremos previsto de acordo com o que já ficou exposto, é só uma: "Se vós christãos, apascentásseis vossos sentidos interiores e exteriores no dezerto, se pastoreásseis bem vossas paixões, refreando a concupiscencia da carne, logo achareis agoas ferverozas, logo achareis lagrimas por peccados"⁷⁴... E reiterando aplicações explicita uma vez mais: "choremo-las pellos pecados do mundo, do nosso Portugal em commum e pellos nossos em particular"⁷⁵.

O autor do *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem* que prevenira que nem todas as lágrimas salvam — avisando com o exemplo das de Judas — não pode terminar sem insistir, uma outra vez, que o único meio de evitar a destruição iminente, entendamos, segundo o que fica exposto, a condenação "deste afligido reyno de Portugal"⁷⁶ é unir-se com Cristo, pedindo que as lágrimas que "chorou na cruz limpem as lagrimas do peccador"⁷⁷...

Chegados a este ponto, se convém recordar, uma vez mais, porque também, como referimos por diversas ocasiões, Fr. António Rosado assim o declara no começo e, demonstrando-o, no fim da obra, que nem todas as lágrimas salvam..., também será necessário ponderar que as lágrimas que o "afligido reino de Portugal" tem de chorar, mais que lágrimas de arrependimento — que não estão em causa — são lágrimas que, como as do salmista, patenteiem a sua miséria..., a sua tribulação diante da ameaça de iminente castigo e o seu abandono à misericórdia divina. É um matiz importante, e a favor da nossa interpretação poderíamos citar a página final

⁷³ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 236

⁷⁴ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 236.

⁷⁵ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 240.

⁷⁶ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 242.

⁷⁷ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit., 242.

do *Tratado Quarto sobre a Destruição de Hierusalem* que comenta um versículo dos *Trenos* de Jeremias. Nesse longo texto, que deve ser recitado aos pés de Christo crucificado", "cada qual de nós per sy e por todos" — notemos o individual e o colectivo — deverá dizer: "eu, Senhor, sou aquelle Lázaro sem vida, que a graça que da graça me communicastes, com tanto damno desta alma que criastes e remistes com vosso precioso sangue, lenho perdida...[...]; sou, Senhor, aquelle leprozo onde a detença de tantas culpas, tão contagiosas, só com o exemplo seu cometeo e fes cometer tantas culpas contra vós...[...]; sou aquelle mudo, a quem vós vos mostrais rico de preço, pêra libertar-me das prizões dos inimigos de minha alma...[...]; sou o cego que como cego me rejoy e me governo por meus cegos e desordenados appetites, a elles sigo fugindo de vós e da guarda de vossa ley e assim de hum perigo vou noutro perigo e chegou a minha cegueira a tal extremo que a mim mesmo me busco e não vejo" ⁷⁸. Do conhecimento próprio individual, fundamento do conhecimento próprio de todo um povo — não discutamos os argumentos do pregador à base dos nossos conhecimentos da chamada "psicologia colectiva"... — chega-se, assim, à exposição das suas tribulações, das "chagas peçonhentissimas", que só a misericórdia de Cristo pode curar. E isto significa, obviamente, pedir e esperar "perdão pêra o mundo todo e em particular peia este affligido reyno de Portugal". O que significa evitar a destruição enquanto condenação.

Creemos será fácil estar de acordo com que o *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem* é uma obra significativamente interessante — e, talvez, mesmo ímpar — no quadro da literatura de espiritualidade, na sua vertente ascético-moral, dos começos do século XVII português, uma época que, talvez pelo peso do político e de alguma opposição aos Áustrias neo-reinantes, não tem obtido nestes domínios a atenção que merece. Como o próprio título da obra indica nela não se coloca apenas o destino do homem-indivíduo, mas, antes, da comunidade humana: do mundo, das nações, de uma nação, num esforço de acentuar a importância do contributo de cada qual no destino do povo a que pertence, o que, mesmo com matizes, talvez possa pensar-se como o resultado da exploração da tensão, de matriz apocalíptica, como se sabe ⁷⁹, entre a iminência de uma punição e o atraso no seu desencadear por força da esperança na conversão final de cada qual..., das nações..., do mundo. Se assim for, o *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem*, independentemente de podermos assinalar algum

⁷⁸ ROSADO, Fr. António — *Tratado sobre a Destruição de Hierusalem...*, ed. cit. 240-241.

⁷⁹ BAUCXHAM, Richard — *La Teologia dell' Apocalisse*, Brescia, 1994, 184-186.

antecedente chorando, com Jeremias, sobre a destruição da capital do Reino ⁸⁰, poderia ser visto no vasto contexto desse interesse pelo *Apocalipse* que desde os fins do século XVI se vinha manifestando por toda a Europa e que entre nós ficou como que consagrado nos *Commentarii Exegetici in Apocalypsim Ioannis Apostoli* de Brás Viegas, S. J., obra de larga fortuna editorial publicada em 1601 (Évora), mas de que se conhecem fases de elaboração desde 1591 ⁸¹.

Como vimos, para Fr. António Rosado a Jerusalém que mereceu ser destruída é a *sombra* de Portugal..., isto é, os pecados de Portugal coincidem e, como se indica tantas vezes no *Tratado*, talvez mesmo superem os da cidade judaica. Ainda que o frade dominicano nunca sugira que fala como profeta, o tom angustiante e premente que envolve o seu discurso deriva dessa certeza não confessada, mesmo que, benignamente, possamos preferir atribuir as formas e os modos da sua "exegese" escatológica às exigências da sua lição parenética.

De todos os modos, as conclusões a que apontámos chocam com as de outro discurso, igualmente de raiz apocalíptica, dos mesmos anos.... como o que se traduz nos tratado *De AntiChristo Libri Undecim* (Roma, 1604) de Fr. Tomás Malvenda, outro dominicano, obra de enorme difusão em que se conclui, depois de um largo capítulo repleto de argumentos históricos, geográficos e piedosos que a Hispânia, isto é, a Península Ibérica, não só será poupada às maldades do Anti-Cristo, mas também "hispanos non futuros in exercitibus Antichristi" ⁸², excepcionalidade que, evidentemente, garantia a salvação de Espanha e da Hispânia. Nada admira que em 1643, um momento histórico português tão necessitado de esperanças certas que afiançassem o rumo dos acontecimentos, Fr. Manuel Homem, um

⁸⁰ VEIGA, S. J., Manuel da — *Tratado da Vida, Virtudes e Doutrina Admirável de Simão Gomes, Português, vulgarmente chamado o "Sapateiro Santo"*, Lisboa, 1673 (2.ª ed.; a 1ª é de Lisboa, 1625), 86; permitindo-nos remeter para um breve trabalho nosso: *Um Profeta de Corte na Corte: o caso (1562-1576) de Simão Gomes, o "Sapateiro Santo" (1516-1576)* in AA. VV., *Espiritualidade e Corte em Portugal, Séculos XVI-XVII*, Porto, 1993, 233-260.

⁸¹ STEGMULLER, Friedrich — *Filosofia e Teologia nas Universidades de Coimbra e Évora no Século XVI*, Coimbra 1959, 79, 139. 230 regista quatro ms. que contêm comentários de Brás Viegas sobre o *Apocalipse* datados — dois? — de 1591 e de 1594 — um — e outro sem data, sendo este último *In Apoc., 12. I: Mulier amicta sole*, o que, tudo somado, parece sugerir tratar-se de comentários que foram sendo destinados ao trabalho final publicado em 1601. O mesmo autor assinala ainda (79-80) a enorme difusão desta obra, o que confirma CLAUDE-DUBOIS, Gilbert — *La Conception de l'Histoire en Franca au XVI Siècle (1560 - 1610)*. 508, 509. 533, tal como BARBUTO, Gennaro Maria — *Il Principe e l'Anticristo. Gesuiti e ideologie poliliche*, Nápoles, 1994, 48, 57, 232, 233, et passim.

⁸² MALVENDA, O.P., Fr. Tomás — *De Antichristo libri undecim*, Roma, 1604, IV, 12, 274-276.

dominicano mais, que conhecia muito bem o tratado de T. Malvenda, pudesse, por sua vez, garantir nas *Verdade do Anti-Christo contra a Mentira Inventada* (Lisboa, 1643), um folheio de larga difusão — que bem poderá ter sido, originariamente, um sermão —, que "os portugueses não militarão debaixo da bandeira do Anti-Christo" ⁸³. Tal conclusão, que mais não é que a tradução da de Malvenda já citada, apoia-se, além do mais, no profundo amor dos portugueses à Eucaristia: "Que os portugueses sejam os maiores devotos e amantes do SS. Sacramento do Altar bem se conhece da grandeza com que o servem, aquém parece pouco todo o ouro e prata do mundo para gastar em seu serviço. As igrejas cozidas em ouro o testificão, as alampadas e castiças de prata sem numero o declarão, os riquíssimos ornamentos o dizem, as pomposas e grandiosas festas o provão..." ⁸⁴.

Não insistamos nestes contrastes, mas acentuemos que colocar nos começos do século XVII, num contexto político e social extremamente complexo, a questão da "destruição" de Portugal nos termos radicais em que a coloca o pregador dominicano, pode parecer dar — ou, por motivos de pastoral, aproveitar para dar — um sentido desesperado a essa situação, isto é, colocar, em termos trágicos, a questão da sobrevivência de Portugal como nação. Se o valor português acabou..., se Portugal acabou politicamente..., seja não há tempo de "remédios"..., tal se deve aos seus pecados — não é uma dedução interpretativa, mas uma declaração do pregador — e por estes pecados Portugal será irremediavelmente destruído e condenado... A não ser... A não ser que Deus não queira..., quer dizer que a misericórdia de Deus, pelos méritos das chagas de Cristo, se exerça gratuitamente. A esperança no perdão gratuito de Deus diante das misérias do pecador? Talvez, mas não nos atreveríamos a explorar muito mais estes caminhos... As lições dos pregadores — que o digam um A. Vieira ou um Padre Chagas — são muitas vezes apenas surpreendentes...

De todas as maneiras, deste esta última perspectiva, a questão parece muito mais simples: Fr. António Rosado coloca a um nível erudito de tratado — prescindamos aqui da provável origem parenética do seu texto — as ameaças veiculadas por tantas profecias de diferentes raízes e cronologias que circularam no século XVI europeu e de que deixámos sugerida alguma: a destruição de reinos..., a subversão da ordem política e social... e outros cataclismos do mesmo género. Contudo, Fr. António Rosado

⁸³ HOMEM, O.P., Fr. Manuel — *Verdades sobre a Vinda do Anti-Christo...*, Lisboa, 1756, 9. O título, como assinala SILVA, Inocêncio F. da — *Diccionario Bibliographico Portuguez*, V, Lisboa, 1860, 467, foi assim alterado em algumas edições que terão transformado a obrira num "folheto de cordel".

⁸⁴ HOMEM, O.P., Fr. Manuel — *Verdades sobre a Vinda do Anti-Christo*, ed. cit., 6.

parece ter elevado essa ameaça a um grau hiperbólico tal que não lhe restava mais que abandonar o futuro nas mãos de Deus... Verdadeiramente, tomo se terá desde logo percebido, o que estava em causa não era essa destruição radical e condenação definitiva, mas, sim, patenteando-a pedagogicamente, um apelo radical à renovação da vida espiritual dos portugueses. As grandezas e limites, para não dizer as misérias, da retórica. De toda a pedagogia também.